

**A ESCOLA  
DOS SONHOS**  
DESEJOS E PROJETOS  
DE VIDA DOS  
EDUCADORES  
BRASILEIROS

ULISSES F. ARAÚJO  
VALÉRIA ARANTES

  
**summus  
editorial**

*A ESCOLA DOS SONHOS*  
*Desejos e projetos de vida dos educadores brasileiros*  
Copyright © 2023 by autores  
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**  
Coordenação da Coleção Novas  
Arquiteturas Pedagógicas: **Ulisses F. Araújo**  
Preparação: **Janaína Marcoantonio e Mariana Marcoantonio**  
Revisão: **Renato Caetano**  
Capa: **Alberto Mateus**  
Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

**Summus Editorial**  
Departamento editorial  
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar  
05006-000 – São Paulo – SP  
Fone: (11) 3872-3322  
<http://www.summus.com.br>  
e-mail: [summus@summus.com.br](mailto:summus@summus.com.br)

Atendimento ao consumidor  
Summus Editorial  
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado  
Fone: (11) 3873-8638  
e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

# SUMÁRIO

<b>1 A PROFISSÃO DOCENTE COMO PROJETO DE VIDA . . . . .</b>	<b>9</b>
<b>2 A ESCOLA DOS SONHOS . . . . .</b>	<b>31</b>
<b>3 COMPREENDENDO OS SONHOS E OS DESEJOS DOS DOCENTES . . . . .</b>	<b>79</b>
Conhecendo e interpretando o que pensam, desejam e sonham os professores . . . . .	93
<i>A escola pública dos sonhos para     os educadores brasileiros . . . . .</i>	94
<i>O professor da escola pública brasileira:     seus desejos e projetos de vida . . . . .</i>	119
<b>4 A VOZ DOS PROFESSORES . . . . .</b>	<b>133</b>
As narrativas sobre a escola dos sonhos: os desejos, sonhos e necessidades . . . . .	136
As narrativas dos desejos e projetos de vida dos educadores . . . . .	151
<b>5 OS SONHOS DOS DOCENTES, SEUS DESAFIOS E POSSIBILIDADES . . . . .</b>	<b>169</b>
<b>REFERÊNCIAS . . . . .</b>	<b>195</b>





# **A PROFISSÃO DOCENTE COMO PROJETO DE VIDA**

---



O sonho encheu a noite  
Extravasou pro meu dia  
Encheu minha vida  
E é dele que eu vou viver  
Porque sonho não morre.

**Adélia Prado**

**HOJE EU ACORDEI MUITO** ansiosa. Aliás, nem dormi direito. É que vai sair o resultado do processo seletivo de mestrado de que estou participando e, se for aprovada, um sonho vai se realizar. Desde a juventude, quando concluí o curso de Letras na faculdade privada da minha cidade, tive o mestrado como meta. Agora, com 38 anos de vida e 16 de sala de aula, criei coragem e me inscrevi para o mestrado.

Às 10 horas da manhã, acho que a minha pressão arterial estava altíssima, e eu sentia um frio intenso na barriga. Entrei na internet e fui lendo a lista de aprovados. Letras A, C, D, F... e o coração disparou de vez. Estava lá: Luana Domingues Gonçalves. Fui selecionada para o mestrado em Educação. Meus olhos se

encheram de lágrimas, e o que eu senti não dá para descrever. Uma felicidade estranha, e eu só pensava nos meus pais.

Tendo nascido em uma comunidade na periferia de uma cidade média, tive uma infância bastante feliz — daquelas em que se podia brincar na rua com os vizinhos durante o dia — e uma família organizada. Meu pai era pedreiro e minha mãe, faxineira. Eles só estudaram até a quarta série do ensino fundamental, mas sempre deram importância à educação, incentivando a mim e meus três irmãos mais novos a levar os estudos a sério. Eu fui a primeira de todas as gerações da minha família a entrar numa faculdade. Foram muitas faxinas extras feitas pela minha mãe e muitas paredes erguidas pelo meu pai aos finais de semana para ajudar a pagar os quatro anos de graduação.

Ser professora foi uma decisão que tomei na adolescência, em um misto de consciência política e busca profissional. Talvez pela história da minha família, ficava o tempo todo pensando que queria ajudar outras pessoas a estudar, ao mesmo tempo que via as dificuldades e vulnerabilidades da escola pública em que eu própria estudava. Não quero falar muito disso, pois pela minha idade eu não tinha plena consciência das condições profissionais e políticas da educação à época. Mas conseguia ver as desigualdades em nosso país e a falta de estímulo dos professores para que nós, estudantes de escolas públicas da periferia, conseguíssemos sonhar com uma faculdade. Ainda mais no meu caso, que fui uma aluna mediana; fazia as tarefas, prestava mais ou menos atenção nas aulas, mas não gostava de passar o dia inteiro sentada, ouvindo os professores falarem sem parar enquanto nós copiávamos as coisas da lousa. Como sempre fui muito tímida, não era da turma da bagunça como alguns de

meus colegas que se rebelavam contra aquelas aulas maçantes, mas ficava na carteira sonhando acordada, dispersa.

– Aterrize, Luana, e leia para a turma o que você escreveu – era comum ouvir dos professores. Ao mesmo tempo, sempre pediam que eu falasse mais alto e vencesse a timidez.

Por outro lado, era graças a essa minha postura e personalidade que eu não me metia em confusão, e me lembro de, no oitavo ano, ter sido escolhida para representar a nossa turma no grêmio estudantil. Foi uma experiência marcante, pois passei a conviver com ideias políticas e a planejar ações em benefício do coletivo da escola.

Uma dessas ações no grêmio foi em parceria com a dona Patrícia, professora de Língua Portuguesa (LP), que propôs que criássemos um cursinho comunitário para auxiliar os alunos de ensino médio de escolas da comunidade a se preparar para o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e os vestibulares. Apesar do nome “cursinho”, ela gostava de dizer que seu objetivo era maior do que esse, e que queria impactar a vida dos jovens da nossa comunidade para que construíssem seus projetos de vida. Como eu gostava de escrever, ela me convidou para ajudá-la nas oficinas de redação e representar o grêmio no projeto. Sua proposta era que a cada semana os participantes escrevessem, em diferentes gêneros literários, sobre conteúdos autobiográficos, sua vida presente e suas perspectivas de vida futura. Eu a auxiliava na organização do trabalho, ao mesmo tempo que ela me ensinava a identificar elementos linguísticos nos textos dos alunos e a promover reflexões linguísticas por meio deles.

Acho que nem preciso dizer o impacto que isso teve na minha vida, não é? Quanto aprendi e me desenvolvi na área de



linguagem! Meus olhos brilhavam, e me lembro que em uma das conversas com ela foi a primeira vez que ouvi falar de mestrado. Eu nem sabia o que era, mas a dona Patrícia sabia nos fazer viajar nos sonhos, pensar no futuro e planejar etapas para atingi-los, tudo isso por meio dos textos que os alunos tinham que escrever e das discussões que propunha ao final de cada aula. Apesar de ainda estar no oitavo ano, e não no ensino médio como os alunos do cursinho, eu fui acompanhando, participando e aprendendo com eles.

Lembro que no final daquele ano ela pediu a todos que escrevessem um texto dissertativo sobre “A minha vida quando eu tiver 40 anos de idade”. Ela me explicou depois que seu objetivo era possibilitar que os alunos refletissem sobre seus desejos e sonhos a longo prazo. Eu fiz a redação e me lembro de ter explicitado pela primeira vez para mim mesma o desejo de atuar profissionalmente na educação, e de ter projetado que teria uma família com filhos, que além da faculdade eu teria concluído o mestrado e que estaria engajada socialmente pela melhoria das oportunidades para os jovens de periferia. Esse texto, que guardo comigo até hoje, passou a ser como uma bússola em minha vida, à qual eu sempre recorria quando surgiam dúvidas sobre que rumos tomar.

Analisando o dia de hoje, quando o sonho do mestrado começou a virar realidade, passou esse filme da minha história pela minha cabeça. Eu me lembrei, também, da linda frase de William Shakespeare: “Somos feitos da mesma matéria que os sonhos”. Essa frase é o meu mantra.

A professora Patrícia sempre foi uma inspiração para mim, por seu compromisso com a profissão e seu engajamento político

e social dedicado a impactar de maneira positiva a vida dos alunos e suas famílias. Nos anos seguintes, até concluir o ensino médio, fiquei próximo a ela, ajudando e aprendendo em trabalhos como o do cursinho comunitário. Como fui aprender muitos anos depois, ao estudar sobre projetos de vida da juventude com o psicólogo norte-americano William Damon, é importante ter pessoas de referência que nos inspirem, como faróis a iluminar nosso caminho durante as escolhas pessoais, sociais e profissionais.

Com esse apoio e esses desejos na cabeça, apesar da desconfiança da maioria dos professores, a aluna mediana de escola pública, sonhadora apática na sala de aula, conseguiu ingressar na faculdade de Letras. E não há dúvidas de que a minha boa habilidade na redação teve um papel importante no Enem e no vestibular.

As aulas da graduação eram no período noturno, e nos quatro anos que durou o curso eu virei a “doce Luana”, apelido que ganhei no primeiro semestre. Para ajudar a pagar a mensalidade, eu fazia docinhos em casa durante o dia e os vendia na faculdade. Foram vários doces diferentes em cada semestre. Teve brigadeiro, cajuzinho, beijinho, quindim, bombom de uva, doce cristalizado e muitos outros. Criei várias modas. Não dava muito dinheiro, mas alcançava para as minhas despesas pessoais e sobrava um pouco para ajudar a bancar os estudos.

Mas sabem aquela aluna tímida e mediana do ensino fundamental e médio? Continuou existindo na faculdade. A Luana seguia a mesma: apática e viajante nas aulas, sem se destacar nas várias disciplinas do curso. A verdade é que as aulas eram monótonas, em sua maioria expositivas, tradicionais. O que mudou foi que agora havia mais leituras, atividades analíticas

e produção de textos, mas a universidade funcionava da mesma forma que a educação básica, e nós, os futuros professores, estávamos aprendendo a reproduzir o mesmo modelo de escola que perdura há séculos. Digo que eu estava desanimando com a profissão e meus sonhos começaram a esmorecer.

O sonho de concluir a faculdade e todo o esforço da minha família eram o que me fazia não desistir do curso. Mas o que me vinha à mente nas horas frágeis era a professora Patrícia e seu exemplo pessoal e profissional. Eu queria ser essa inspiração para outros jovens.

Quando cheguei no terceiro ano, decidi que precisava mudar o rumo das coisas na minha formação profissional. Com a ajuda da professora Patrícia, consegui uma escola para estagiar de forma voluntária. Como estudava à noite, eu passava a manhã inteira nessa escola, ajudando a professora Elenice, de Língua Portuguesa, nas aulas do quinto ano. Ainda não era um estágio formal, mas logo a coordenação da faculdade me autorizou a considerar esse trabalho na carga horária do curso. Essa situação me deu um novo ânimo na vida pessoal e profissional, porque, apesar de seguir no marasmo das aulas na faculdade, eu comecei a experienciar práticas educacionais que davam maior sentido ao que estudávamos. Diria que meus olhos voltaram a brilhar e voltei a ver um sentido na vida.

Fico pensando que essa lógica de articulação entre o conhecimento acadêmico e a prática real nas salas de aula deveria ser adotada como modelo no ensino superior, desde o primeiro ano da graduação. Não da forma como os estágios ocorrem hoje na maioria das faculdades, em que os estagiários têm um papel passivo, de observadores das aulas. (Aliás, quantos colegas me